

**Protagonismos no choro pelotense (RS):
relações étnico raciais na construção narrativa do movimento**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: Música Popular e Interdisciplinaridade

*Pedro Gabriel dos Santos Erlen
Universidade Federal de Pelotas
pedroerler@outlook.com*

*Rafael Velloso
Universidade Federal de Pelotas
rafavelloso@gmail.com*

*Rafael Noletto
Universidade Federal de Pelotas
Rafael.noletto@ufpel.edu.br*

Resumo.

A pesquisa buscou além de trazer outro enfoque da história do Choro na cidade de Pelotas (RS), discutir sobre o pacto da branquitude (BENTO,2022) e como ele atua no processo vigente de institucionalização dessa prática musical e cultural. Com esse trabalho, pretendo realizar uma revisão historiográfica nas pesquisas desenvolvidas pelo projeto, principalmente através do Acervo do Choro de Pelotas. Além da revisão bibliográfica, foi adotado a metodologia de entrevistas narrativas com novas memorialistas do choro pelotense, reafirmando o compromisso com os valores do projeto, através de um plano melhor explicitado de equanimidade.

Palavras-chave. Branquitude, Choro, Racialidade, Patrimônio, Acervo

Reformulating the protagonisms of Choro Pelotense (RS): decentralizing the whiteness of the narrative focus

Abstract. The research sought, in addition to bringing another approach to the history of Choro in the city of Pelotas (RS), to discuss the pact of whiteness (Bento, 2022) and how it acts in the current process of institutionalization of this musical and cultural practice. With this work, I intend to carry out a historical deepening in the research developed by the project, mainly through the Acervo do Choro de Pelotas. In addition to the bibliographical review, the methodology of narrative interviews was adopted with new memoirists of the Pelotense choro, reaffirming the commitment with the values of the project, through a better explicit plan of equanimity.

Keywords. Whiteness, Choro, Racialiaty, Patrimony, Collection

Introdução

Com esse trabalho, pretendo realizar uma revisão historiográfica sobre o choro em Pelotas com base nas pesquisas desenvolvidas pelo projeto Encontros no Choro: Introdução e Vivência, incluindo as demais publicações sobre o Choro em Pelotas que não se relacionam diretamente com o projeto (COELHO, 2013, SILVEIRA, 2004, CARVALHO, 2013), utilizando-se dos acervos e da metodologia que foi utilizada para a criação das coleções do Acervo do Choro de Pelotas. Essa revisão tem como foco as relações étnico-raciais estabelecidas entre as práticas musicais, sociais e culturais de musicistas do Choro em Pelotas (RS) e as abordagens de pesquisa trabalhadas até então. Ao longo do texto delinearei as diretrizes e atuações do projeto e abordarei os conceitos que serão trabalhados nesse estudo. Os conceitos são referentes a estudos de memória, acervo, racialidade, pesquisa etnomusicológica participativa, tradição, narratividade, gestão do acervo e propostas de ação. Busquei delinear as ações do projeto Encontros no Choro: Introdução e vivência e explicitar o meu agenciamento para que essas ações ocorram. Através da leitura crítica, procurei argumentar o como as relações e narrativas estão sendo revisitadas e modificadas através de novos entendimentos. Ao longo do texto faço essa distinção entre o Choro de ‘C’ maiúsculo e o de ‘c’ minúsculo, baseado da definição de Cibéle Palópoli, na qual o choro com ‘c’ minúsculo representa o gênero musical choro e o Choro de ‘C’ maiúsculo representa a prática cultural (PALÓPOLI, 2018, p.27).

O interesse nesse tema surge da minha participação ativa no projeto Encontros no Choro e no Clube do Choro de Pelotas desde 2018, ano em que me mudei para Pelotas (RS) e ingressei no Bacharelado de Violão da UFPel. Chegar na cidade e me deparar com um projeto como o Clube do Choro e todas as suas atividades, é uma sorte e uma dessas encruzilhadas da vida que não se explica, se vive e se confia. Desde 2018 o projeto Encontros do Choro tem sido o espaço onde mais me dediquei, aprendi e tive oportunidades de crescimento pessoal, musical, acadêmico e profissional na cidade de Pelotas e fora dela. É importante ressaltar as diferenças entre o Clube do Choro e o Projeto Encontros do Choro. O Clube do Choro de Pelotas é uma associação de musicistas da cidade de Pelotas (RS), que mantém viva a prática do Choro. O movimento que já é quase centenário na cidade, é reconhecido em todo o país e até fora dele. O Clube que iniciou suas atividades oficialmente em 2014, vem construindo ao longo desses quase 10 anos de história muitas iniciativas bonitas e relevantes para cidade, região e estado. Desde seu surgimento, o coletivo preza por tocar obras de compositores pelotenses, que constroem o movimento do Choro na cidade. O projeto Encontros do Choro, surge como ponte

entre a universidade e o Clube. Estando sempre em diálogo e parceria com o coletivo, o projeto busca através das suas ações de pesquisa, ensino e extensão, construir conjuntamente o cenário do Choro em Pelotas (RS) e região. Ao mesmo tempo, ao trazer esse saber popular para dentro da universidade, o projeto se propõe a buscar epistemologias musicais divergentes, demais possibilidades de ensino aprendizagem musical daquelas que são propostas até então e construir assim uma universidade mais plural e integrada à comunidade.

O meu compromisso com o movimento do Choro vem de antes da Universidade, porém agora entendo que ele também se estende a ela. Atualmente sou bolsista¹ de extensão no projeto das oficinas, dando aulas de violão, violão para iniciantes, prática de conjunto e atuando nas demandas organizacionais. Além dessas aulas, o projeto oferece atividades práticas, abertas e gratuitas que contemplam os e as instrumentistas de sopro, cordas, percussão, cavaquinho e violões. As atividades semanais, compreendem a práxis do Choro (ROSA, 2020) ao promover um espaço de vivência e prática desse gênero em diálogo com membros da comunidade do Choro e da cidade de Pelotas.

Desenvolvimento

O acervo do Choro de Pelotas é construído através de muitas mãos. Além dos professores responsáveis, discentes bolsistas, voluntários e técnicos administrativos da UFPel, conta com a participação ativa da população. Ao emprestar o material para a digitalização, doando seu tempo e compartilhando seu interesse nessa salvaguarda, construímos uma pesquisa etnomusicológica participativa. O projeto de pesquisa do Acervo do Choro de Pelotas está ligado a pesquisa “Avendano Júnior a tradição do choro em Pelotas - A construção de um arquivo colaborativo da música e memória de Pelotas e região” (PRPPGI/UFPel, 2020), que é um repositório digital de memória documental ligado ao Choro e as práticas musicais relacionadas ao cavaquinista e compositor acima mencionado, que junto a um grupo de musicistas e demais pessoas envolvidas na cena cultural da cidade, ao longo de quase 40 anos atuaram nos mais diferentes espaços de Pelotas (RS) e região, consolidando sua história, uma vasta obra e a “tradição” do Choro em Pelotas (VELLOSO, D’AVILA E MUSTAFÉ, 2021). A partir do segundo semestre de 2022 o projeto iniciou uma nova fase, que consiste em fazer uma

¹ Este projeto foi realizado com o apoio da bolsa institucional de (pesquisa/extensão) da (UFPel/FAPERGS/CNPQ), no âmbito do projeto *Avendano Jr.: A tradição do Choro em Pelotas*, desenvolvido pelo grupo de Pesquisa do Núcleo de Música Popular da UFPel, coordenado pelos professores Rafael Henrique Soares Velloso e Raul Costa d’Ávila.

leitura historiográfica e sociológica destes materiais e investigar as múltiplas narrativas sobre o movimento do Choro na cidade, aumentando a representatividade dessa história e realizando uma leitura crítica desse movimento. Com isso buscamos estar mais alinhados na divulgação científica e manutenção socialmente responsável desta prática. Esses dois momentos da pesquisa consolidaram um suporte histórico-metodológico para as ações seguintes do projeto e para as áreas de extensão e ensino.

Da mesma forma, cada vez mais refletimos sobre a produção do conhecimento em busca de outros olhares e escutas que sejam atentos às realidades sociais dos grupos com os quais trabalhamos (CAMBRIA, 2016, p.96). Nesse sentido, quando recebemos fotos, relatos, vídeos, gravações e etc., recebemos junto um voto de confiança. O acervo já existia fragmentado nas coleções pessoais de cada colaborador e colaboradora. Ao reunir essas peças, traçar paralelos e propor/entender relações que escapam e convergem, vamos construindo e alimentando a história do movimento na cidade e na região. Manter e estimular essa comunicação dialógica, participativa e ativa no movimento do Choro de Pelotas é um pilar desse trabalho.

Fazer essa leitura a respeito da prática arquivística, serve para perceber como algumas formas discursivas foram assumidas e reproduzidas de forma acrítica, invadindo, nos dias atuais, o terreno que deveria lhe ser o mais inóspito: o da própria universidade (Rezende, 2014, p.23). Em sua tese de doutorado intitulada *O problema da tradição na trajetória de Jacob do bandolim: comentários à história oficial do choro*, Gabriel Rezende aborda em profundidade o poder da narratividade (REZENDE, 2014, p. 46) advindo principalmente desse “culto aos fatos”. Assim ele afirma que “é sobre a base da “objetividade” e da “precisão” da coleção de fatos enunciados na cadeia da história, que a narrativa reivindica sua legitimidade”. Entretanto, “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam” (CHARTIER, 2002, p. 17). Assim, influenciamos no tempo presente o como essa prática ou comunidade se comporta, ao entender que é através da memória que nos socializamos, demarcamos nossas territorialidades, pertencimentos e presença, marcando assim a espiralidade temporal (MARTINS, 2021). É necessário perceber quem são os corpos ou corpas² (ANZINI, 2020, p.2) que circulam por esses espaços, quais novas histórias são contadas

² Algumas discordâncias de gênero formal da língua portuguesa foram colocadas propositalmente neste artigo, com a finalidade de desconstruir a linguagem androcêntrica e ressignificar substantivos e adjetivos para o gênero feminino e/ou não binário. Por exemplo, a palavra “corpo” foi ressignificada para “corpa” e “corpe” (ANZINI, p.3)

e quais não são contadas também. “Refletir sobre a história é, inseparavelmente, refletir sobre o poder” (DEBORD: 1997, p. 92). Quando pensamos em história, temos que nos ater a dimensão social que advém dela: a memória.

Segundo Suzel Ana Reily, “a memória é um espaço em que as esferas biológicas e socioculturais do ser humano se encontram” (REILY, 2014, p.2). A memória além do seu caráter cognitivo e cerebral, perpassa a vida social de cada indivíduo e também a sua relação com a coletividade que o cerca. Ter uma vida social, exige que mobilizemos nossas lembranças e projeções. Lembrar envolve nossa agência; mobilizamos nossas memórias de modo a articular saberes díspares e formas de imaginar ligações entre o eu e o outro, tanto no presente quanto no passado (TAYLOR, 2003, p.82). Logo, como propõe Foucault (1980), a memória é uma prática. Na UFPel, assim como já mencionado, atuo no projeto Unificado Encontros no Choro: Introdução e Vivência. A proposta do projeto é promover um espaço de vivência e prática desse gênero musical em diálogo com membros da comunidade da UFPel e da cidade de Pelotas. Enquanto prática cultural e espaço de construção de identidades, o projeto atua ao estimular uma comunidade de memória (TAYLOR, 2015) que é definida como um grupo que articula o seu passado comum e cultiva na prática, sua memória social (CONNERTON, 1989). Através da relação direta e colaborativa com a pesquisa ligada ao Acervo do Choro de Pelotas e região, o projeto unificado Encontros no Choro, procura atuar de maneira coerente e compromissada com sua localidade ao trazer, além do repertório em si e as narrativas históricas do choro pelotense através de suas publicações, incorporar a construção de mestres desse saber popular. Para Connerton, a memória social é composta de recordações e imagens do passado que um determinado grupo social opta por preservar, portanto emerge de um processo seletivo de recordações: recorda-se aquilo que, por algum motivo, o grupo considera digno de ser lembrado (REILY, 2014, p.9).

Ao buscar sua referência de prática de ensino e pesquisa em um grupo de pessoas que detém um saber localizado, a ação de extensão é um modo de trabalhar contra a colonialidade continuada, nos planos culturais e epistemológicos (MIGNOLO, 2004). O (re) conhecimento de lacunas e de avanços históricos como os aqui explicitados é uma importante base para analisar o presente e pensar o futuro. Tendo isso em vista, sabemos que essa atividade exige dedicação constante uma vez que práticas extensionistas deturpadas de seus valores, acabam não atingindo os ideais de conexão e tornam-se mais um espaço de reprodução dos valores hegemônicos (MECABO, 2021, p.17).

Quando nós enquanto universidade nos propomos a ter um projeto sobre determinado assunto que diz respeito a uma comunidade ou prática, nos propomos a construir e endossar narrativas. Ao produzir o Caderno do Choro de Pelotas, Oficina do Panorama Histórico do Choro em Pelotas, Revista do Choro de Pelotas, Álbum do Clube do Choro de Pelotas, Acervo, 1º Fórum de Choro do Rio Grande do Sul e todas as demais produções as quais a universidade se vinculou e mais do que isso, muitas vezes tomou a frente, nós construímos através dos materiais e das pesquisas, uma história. Isso é potente, pois podemos assim garantir que aquele grupo ou prática tenha mais atenção dos órgãos públicos e da comunidade. A preservação da memória articula e redefine relações sociais, identidades e temporalidades. A prática da memória, portanto, tem claras consequências para as vidas daqueles que lembram (REILY, 2014, p.13). Sendo assim precisamos de atenção constante quanto a quais memórias são essas, de quais grupos sociais elas emergem e quais delas ainda não estão incluídas diretamente nesse recorte narrativo adotado pelas pesquisas até então.

Pelotas, por ser a maior cidade da região de fronteira sul (fronteira com o Uruguai), é considerada uma capital regional. Além do mais, o codinome atribuído a cidade, “Princesa do Sul”, nos indica a posição econômica que a cidade desempenha e principalmente que já desempenhou no passado, dentro do Rio Grande do Sul. Segundo a descrição oferecida pela Secretaria de Turismo de Pelotas, esse nome foi dado a cidade em 1835, ano da sua fundação. Isso por ter sido a província mais rica do estado e por “trazer a nobreza por causa do desenvolvimento do Charque no século 19” (SECTUR). Segundo essa descrição, baseada no trabalho de Maria Ângela Fonseca, de 2007: “Com o sucesso dessa indústria, os charqueadores, [...] promoviam a cultura e a educação, no ambiente urbano, exemplificado pela inauguração do Teatro Sete de Abril, em 1831, quatro anos antes de Pelotas ser elevada à condição de cidade”.

Em ambas as descrições notamos essa reverência a figuras dos charqueadores, amenizada principalmente através das artes e da “cultura” promovida por e para essas pessoas. E isso é algo muito interessante de observarmos, pois assim como aponta Cida Bento, existe uma ausência de um discurso explícito sobre os brancos na história do país e na herança escravocrata, com seus benefícios positivos para as pessoas brancas (BENTO, 2022, p.22). Em nenhum momento há a menção das ações desumanas cometidas por esse grupo e o como essa história incide até o momento atual, na vida das pessoas que aqui moram.

Como podemos observar através desses dois mapas, a fronteira sul, é a região mais negra e indígena de toda a macrorregião sul do Brasil. No primeiro mapa observamos a população negra no estado que até 1872 se encontrava na condição de escravizada e no segundo mapa observamos o território da nação Charrua. Antes do processo de colonização essa região era ocupada por diversos povos, como os mencionados no mapa, porém com os massacres ocorridos no Uruguai, o fluxo migratório ocorreu em direção ao norte, no sentido do Brasil, da Argentina e Paraguai, os povos se uniram e portanto toda essa região e essa população ficou conhecida como nação Charrua. (GOMEZ, 2017).

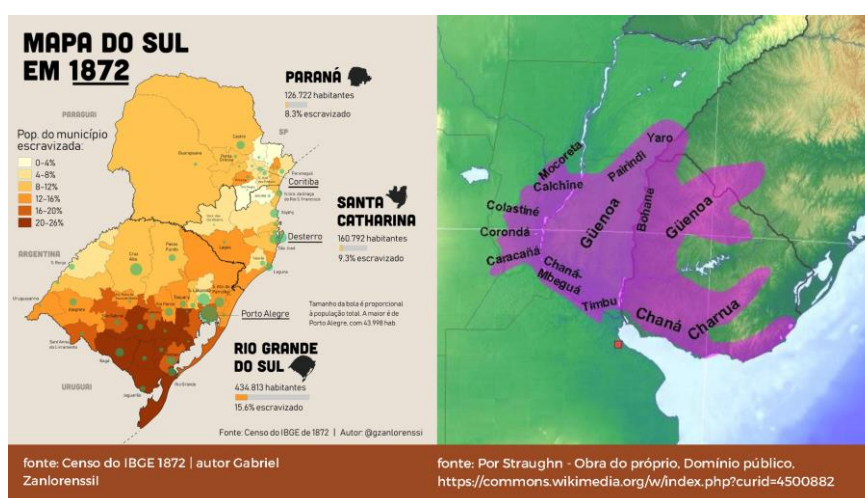


Figura 1 Mapas étnico – raciais da região sul da América do Sul.

Essa contextualização racial e geográfica se faz muito importante, pois não é uma ideia amplamente difundida e que também ainda não está no imaginário comum acerca da questão identitária do Rio Grande do Sul. Ela também nos lembra, que nós contamos a história de Pelotas, pelo viés da prática do Choro. Isso significa, que o entendimento de como a história do Choro na cidade, se vincula a própria história da cidade como um todo maior, é necessário para mantermos esse posicionamento responsável e assertivo.

Aqui coloco a minha experiência pessoal, enquanto uma pessoa estrangeira na cidade de Pelotas, que desde o primeiro dia foi marcada por isso. Quando cheguei aqui para realizar a matrícula no curso, peguei um carro de aplicativo da rodoviária para a pousada que eu ficaria por três dias e dentro do carro o motorista me questionou se eu era de fora. Respondi que sim, imaginando que o comentário seria a respeito do sotaque, ou algo do tipo, então ele me respondeu que “a gente logo vê mesmo, pessoa “misturadinha” assim não é daqui”. Surpreso

com a resposta, questionei o que ele gostaria de dizer com isso e ele logo respondeu que eu perceberia também, que “aqui a miscigenação não aconteceu como em outros lugares do Brasil”, então de acordo com ele “as pessoas aqui são ou brancas ou pretas” e seguiu reafirmando que “por isso percebi que você era de fora”. Isso pra mim foi algo marcante, mas não a primeira vez que vivi a experiência da ambiguidade racial.

Carlos Antônio Costa Ribeiro, em seu trabalho intitulado *Continuo racial, mobilidade social e embranquecimento*, aborda questões referentes a ideia de uma classificação racial baseada em um contínuo racial, que para ele permite verificar os possíveis efeitos da ambiguidade classificatória nos processos de estratificação populacional (RIBEIRO, 2017, p.2). Isso nos permite entender as diversas possibilidades de classificação desse corpo ambíguo, para esse conceito Beatriz Bueno vai usar a denominação de identidades cinzas. Como apontado por Lauro Eusébio Gomes, o pardo seria o estágio de transição entre negros, indígenas e brancos, movendo-se para a branquitude (GOMES, 2019, p.5). Ele também afirma que:

“Como estratégia de genocídio, o embranquecimento transformou-se dentro do contexto racial. Se antes acontecia por meio de estupros e políticas imigratórias institucionais, agora também nega a seus produtos a própria identidade. Exatamente por isso, o pardo, como não se sente negro, nem indígena e tampouco branco, também não se entende no direito de falar de racismo em nenhuma das três perspectivas, originando a segunda característica do limbo racial identitário dos pardos: seu silêncio. Desse modo, esses sujeitos percebem-se erroneamente à margem do racismo, por vezes negando o estruturalismo dele e impedindo que suas vivências componham a massa de críticas antirracistas necessárias ao rompimento dos instrumentos de opressão branca”.

Esses parâmetros nos dão base para entender o lugar de onde estou falando. Nascido de um relacionamento inter-racial entre uma mulher de descendência indígena e um homem de descendência italiana, fui colocado diversas vezes em questionamento acerca da minha identidade racial, sejam esses embates diretamente colocados ou indiretamente. Sobre o contínuo racial, Carlos continua dizendo que se a raça é definida antes pela aparência do que pela origem, pessoas entre o polo mais claro (branco) e o polo mais escuro (preto) do contínuo de cor ou raça têm mais chances de experimentar fluidez classificatória. Ou seja, têm probabilidades maiores de se apresentarem e serem vistos como mais claros ou mais escuros, o que ocorre mais frequentemente como consequência de sua posição socioeconômica (RIBEIRO, 2017, p.6).

Em Poços de Caldas (MG), minha cidade natal, não tinha tantas dúvidas quanto a minha identidade, pelas minhas relações familiares, meu acesso geográfico e simbólico na cidade e demais vivências pessoais. Quando chego em Pelotas (RS), enquanto uma pessoa universitária, que consegue acessar diversos espaços de poder e tendo uma vivência marcada na cidade carregando esse estigma, além de experimentar aspectos referentes à ascensão social econômica e simbólica, percebo a minha passabilidade branca se acentuar. Somada a isso estão demais fatores da interseccionalidade como o fato de eu ser um homem, heterossexual e cisgênero. Isso não significa que a sensação de pertencimento e acolhimento acontece de forma integral e pacífica nesses espaços de poder, porém me permite além do trânsito, questionar e perceber problemáticas baseada na construção da minha subjetividade enquanto um corpo ambíguo.

Assim como apontado mais acima e constantemente reforçado pela historiografia musical, o Choro é tão importante para a música brasileira pelo fato de ter transitado “pelos salões e pelas salinhas”, sendo tanto uma música “erudita” quanto “popular” a depender do seu contexto. Colocado dessa forma, parece que a música existe por si só, como uma entidade abstrata. O que tem que ser colocado é que a música só transitou, porque os corpos que a praticavam e criavam, também transitaram. A dificuldade de classificar a música como erudita ou popular, tem raiz na mesma dificuldade em classificar os corpos miscigenados, pelo fato de ambas as categorias, não se encaixarem nunca com exatidão na binariedade erudita (branca) ou popular (preta).

Esse fato não passou despercebido e foi durante muitos anos utilizado para justificar a ideia de democracia racial que assim como destacam Fernandes e Souza, dissimula tensões raciais e cria a ilusão de inclusão, silenciando vozes que denunciam a violência real e simbólica, construindo, de muitas formas, tanto lugares de privilégio quanto de exclusão e discriminação (2016, p.111). Incomodado com isso, vejo a necessidade do aprofundamento teórico e metodológico nas pesquisas realizadas atualmente e, a necessidade de reconhecer a construção de pessoas racializadas nesse gênero musical, sem negar a sua identidade, apagar a existência e ação desses corpos ou distorcer os fatos, baseado em uma romantização que fortalece a narrativa opressora da democracia racial.

O Choro assim como as pessoas mestiças se encontra muitas vezes nesse limbo identitário, estratégia que favorece a branquitude e o embranquecimento. Por isso, essa pesquisa vem no sentido de posicionamento frente ao processo atual de institucionalização tanto da prática do Choro, quanto minha enquanto indivíduo. Assim entendendo do contínuo racial, da

ambiguidade na minha classificação e da passabilidade branca também atribuída ao meu corpo (além das demais marcas da interseccionalidade) vejo a possibilidade e a responsabilidade de trazer esse questionamento para os espaços majoritariamente brancos os quais participo e circulo. A escritora norte americana bell hooks, aponta em seu livro *Pertencimento: uma cultura do lugar*, a responsabilidade de pessoas brancas que se posicionam como antirracistas, de levarem a consciência crítica nos espaços de privilégio em que circulam e descobrirem por si só o seu papel nisso (hooks,2022). Isso acontece apenas com embate e tensionamento de relações e posicionamentos, por isso não é fácil e nem confortável. E nem é pra ser.

Sendo assim, busco com esse trabalho trazer essa discussão pro campo da instituição em que estou me formando e para esse congresso de pesquisa. Além disso, procurarei traçar junto a novos memorialistas do Choro pelotense, a trajetória musical, estética, pessoal e política, de musicistas negros na cidade de Pelotas, reforçando o caráter etnomusicológico e participativo que o projeto tem sido construído. Através da proposição de entrevistas narrativas semiestruturadas, procuraremos conjuntamente traçar as demais rotas da prática do Choro na cidade e assim, novos protagonismos que escapam as histórias levantadas até então. Assim, esse estudo se utiliza como metodologia de uma pesquisa documental de abordagem etnográfica. Procurou-se utilizar entrevistas narrativas como forma de colaboração na construção desse pensamento visto que o produto final é a interpretação conjunta dos aspectos relevantes tanto aos informantes quanto ao pesquisador (JOVCHELOVCH,2002). A escolha desse enfoque foi por acreditar no potencial que as narrativas têm na construção da noção de coletivo (KRAMER,2007). Por se tratar de uma pesquisa qualitativa que aborda conceitos como memória e amnésia coletivas (BENTO,2022) as quais trabalham e analisam as subjetividades dos sujeitos, a narrativa se mostra como ferramenta relevante de análise do discurso, pois ressalta o valor da oralidade, já que tais relatos não são encontrados em documentos (RIBEIRO,2002). Aqui entenderemos por relato o que foi dito além das palavras, as pausas, o silêncio, a linguagem corporal e não verbal.

Conclusões e Expectativas

Até o momento, já podemos observar alguns resultados práticos da pesquisa, como por exemplo a implementação das ações afirmativas na distribuição de bolsas de iniciação científica no projeto. Ao trazer essa discussão para o grupo, a necessidade de tal iniciativa ficou evidente e foi rapidamente implementada. Felizmente o projeto tem sido bem-sucedido no que se propõe,

conquistando espaço de atuação dentro e fora da universidade. Um desses resultados, consequência também das possibilidades financeiras da instituição, é o aumento das bolsas que o projeto pode ofertar aos discentes do curso. Como as expectativas vão no sentido de ampliar as ofertas de mais bolsas, a presença de ações afirmativas nessa distribuição deve ser constante, buscando além da pluralidade de pensamentos e ações, estimular a continuidade de discentes racializados durante a graduação.

Outro resultado são as novas e demais rotas do Choro que estão aparecendo com o contato de novas(os) memorialistas. Ao buscar essas pessoas, com suas memórias e saberes, vamos ampliando o entendimento da prática do Choro na cidade e na região. Com isso, pretende-se descentralizar a narrativa, ainda muito focada em um pequeno grupo de pessoas brancas, com atuações majoritariamente no centro da cidade. Uma coisa interessante que ocorreu até aqui também foi o fato de ser buscado por pessoas da comunidade que desejam compartilhar e incluir suas perspectivas nessa roda. Essa pesquisa surgiu e foi se delineando quando uma mulher entrou em contato comigo para uma apresentação musical, e ao saber do meu envolvimento com a pesquisa e com o Choro na cidade, me convidou para um café. Ali ela me contou que seu pai, tios, avô e irmãos, eram musicistas de Choro na cidade de Pelotas. Todos eles, músicos pretos, que tiveram suas passagens e trajetórias em lugares distintos dos pontos focais abordados até então nas pesquisas, dessa prática na cidade.

A pesquisa não partiu de mim ou da universidade, e sim da comunidade que confia na nossa atuação enquanto um projeto socialmente responsável. Manter esse caráter exige posicionamento constante e revisão das nossas metodologias e resultados de pesquisa. Mesmo que em andamento, esse trabalho já vem demonstrando bons resultados ao racializar as pessoas brancas envolvidas no projeto e entender como esse pacto da branquitude (BENTO,2022), vem direcionando alguns focos de pesquisa. A partir dos resultados, busquei propor diretrizes mais concretas para prática da equanimidade, inicialmente com a proposição do repertório a ser trabalhado nos dois próximos módulos da oficina. O primeiro módulo focado nas obras de compositoras e o segundo nas obras de compositores negros³. Fazendo jus ao propósito inicial da rede de museus, incentive a criação de uma nova linha de pesquisa de título ‘O Choro Negro em Pelotas: rotas e trajetórias’. Isso tendo em vista os novos acervos levantados com essa

³ Em um país como o nosso, com a variedade enorme de pessoas e miscigenações, não cabe mais dividir a população nesses binarismos raciais, pautados principalmente em teorias raciais norte americanas, porém como esse é um trabalho de graduação, não daremos conta de abordar um assunto tão complexo em profundidade. Assim opto por seguir essa divisão racial tal qual o IBGE utiliza em suas pesquisas, no caso: indígena, preto, branco e amarela.

pesquisa. Além da Associação Musical da Banda democrata, foi levantado o acervo musical da escolar de samba Academia do Samba e o acervo do museu em homenagem a Paulino Mathias, músico da região. Aqui é importante salientar que não estou propondo que a linha de pesquisa ligada a Avendano Jr. e a tradição seja interrompida, visto a vastidão de materiais que ainda estão em desenvolvimento e a troca constante com o projeto que continua. Porém, compreender que essa narrativa é ampla e não centralizá-la em um pequeno grupo de pessoas brancas se faz cada vez mais necessário, para que possamos de fato estar atentos a comunidade do Choro de Pelotas. Ao longo do trabalho fui me perguntando realmente o quanto na verdade parece conveniente para a academia a incorporação do choro, no sentido de se utilizar também de formas e de uma linguagem escrita e cultural, dominada pela branquitude. E o quanto de controle da linguagem está por trás da “salvaguarda”, “resgate” e “patrimônio”, propagado por algumas instituições. Fato é que o Choro, se encontra próximo do conceito de oralitura expresso por Leda Maria Martins, ao se referir a práticas culturais que tem na performance, seu espaço maior de síntese (MARTINS, 2021). Ela propõe que as oralituras, são formas complexas e refinadas de prática da memória e grafia do tempo, tendo a corporeidade como espaço central de agenciamento. De acordo com ela, os estudos da performance como campo multidisciplinar, rompem a dicotomia ocidental entre oralidade e escrita (MARTINS, 2021, p.38). Isso significa que a escrita é parte constituinte do todo, mas não o seu espaço privilegiado de transmissão e validação. Tendo isso como base, penso que ainda podemos e devemos seguir buscando maneiras de ensino-aprendizagem dessa prática na contemporaneidade, a entendendo como uma tecnologia social de ponta. Para isso, precisamos ampliar o grupo de memória com o qual trabalhamos e valorizar, através do reconhecimento e do diálogo, a construção afrodiaspórica, indígena e mestiça dessa prática na nossa localidade.

Outro fator que foi muito importante para o meu entendimento do Choro em Pelotas e a relação da história com a bibliografia construída até então, foi a questão da radiodifusão. Até o início desse estudo, o que eu entendia era que a rádio sempre presente nos relatos e entrevistas de chorões e memorialistas do Choro, era a rádio nacional. Me utilizando até então de uma base bibliográfica que pautava o Choro majoritariamente no Rio de Janeiro, eu entendia que a rádio que era tão importante e amplamente difundida aqui, era essa dos programas de auditório e dos regionais de choro.

Fato é que não era bem assim. Através das entrevistas e relacionando os relatos aos demais apresentados até e então, entendi que as rádios que foram tão importantes pra prática do

Choro aqui, foram as rádios locais, em especial aquelas mencionadas ao longo do texto. Através das entrevistas e dos materiais que temos no acervo, podemos afirmar também que uma parte desses grupos era formada apenas por músicos negros, o que afirma essa construção e presença no movimento do Choro de Pelotas. Procurei através dessa pesquisa, trazer novas perspectivas, propostas e revisões para o projeto Encontros do Choro, pois acredito que é necessário um posicionamento mais explicitado em direção a equidade de classe, racial, de gênero e sexualidade e nas demais áreas da vida social e formação territorial que a iniciativa se propõe. Acredito muito no potencial e na permeabilidade social que o projeto atinge, ao se propor como uma interface de negociações entre a comunidade e as camadas institucionais. Sou grato a todas as pessoas que se envolvem nessa construção e a você, que acompanhou esse trabalho até aqui.

Sei que ainda há muito trabalho a ser feito, muita luta e disposição para atingirmos uma vida plena, gozando dos direitos de existir e de viver bem, de todas as pessoas. Espero que nos próximos anos continuemos firmes nessa busca da decolonialidade e do antirracismo na prática, no ensino, nas abordagens de pesquisa, nos âmbitos institucionais, estéticos, filosóficos, cotidianos e sei que a música é capaz sim de construir realidades, utopias possíveis, espaços de luta e discussão frente as diversas camadas que compõe essa estrutura ainda muito opressora.

Viva a universidade pública, a cultura, a educação, o sistema público de saúde, as múltiplas narrativas, a memória, Pelotas, o sonho, todas as pessoas que construíram esse trabalho conjuntamente e que vem carregando esse movimento ao longo de muitos anos e é claro: Viva o Choro!

Referências

ANZINI, Violet Baudelaire. O poder das Coisas: corpa, falocentrismo, transgeneridade e arqueologia. *Arche: Rev. Disc. Arqueologia*, Rio Grande, RS, v.1 n.1, jul.-dez. ISSN: 2675-8148. 2020.

BENTO, Maria Aparecida. *O pacto da Branquitude*. Primeira edição. Editora: Companhia das letras, São Paulo. 2022.

BUENO, Beatriz. Parditude. Disponível em: <https://www.instagram.com/parditude/>

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Edilberto; GUAZINA, Laize. *Com as Pessoas: reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisas participativas na etnomusicologia brasileira*. *Etnomusicologia no Brasil / Angêla Luhning, Rosângela Pereira de Tugny, organização*. - Salvador, EDUFBA, 2016.

CARVALHO, Tais de Freitas. *Gente da noite: Cultura popular e sociabilidade noturna em Pelotas RS (1930-1939)*. Dissertação, (Mestrado em História), UFPEL, Pelotas, 2013

COELHO, Luís Fernando. *Os músicos transeuntes: de palavras e coisas entorno de uns batutas*. Editora Cada Aberta, 2013.

CONNERTON, Paul. *How societys remember*. Publisher: Cambridge University Press, 1989.

CORTE, José Ignácio Gomeza Gómez. *Em busca da memória e da identidade: a resistência do povo Charrua no Uruguai*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Rio de Janeiro, 2017.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Viviane B; SOUZA, Maria Cecília C.C. *Identidade Negra entre exclusão e liberdade*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n.63, (p. 103-120), abr. 2016.

FOUCAULT, Michel. *Language, Counter-memory, Practice: Selected Essays and Interviews*. Donald F. Bouchard, org. Ithaca: Cornell University Press, 1980.

GOMES, Lauro Eusébio. *Ser pardo: o limbo identitário racial brasileiro*. Vol 05, N. 01 - Jan. - Mar., 2019 | <https://portalseer.ufba.br/index.php/cadgendiv>

HOOKS, bel. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Editora Elefante, 2022

JOVCHELOVICH S, Bauer MW. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes; 2002, p. 90-113.

KRAMER S. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. In: Beauchamp J, Pagel SD, Nascimento AR, (organizadores). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. P 13-24

MARTINS, Leda Maria. *O tempo espiralar: performances do corpo tela*. Editora: Cogobó, 1ª edição. Belo Horizonte, 2021.

MECABO, Marina. *Se essa rua fosse minha: a criação de uma utopia urbana no entorno escolar*. Universidade Federal de Pelotas, 2021.

MIGNOLO, Walter. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-710.

PALÓPOLI, Cibele. *Violão velho, Choro novo: processos composicionais de Zé Barbeiro*. USP – São Paulo, 2018.

REILY, Suzel Ana. *A música e a prática da memória: uma abordagem etnomusicológica*. USP, 2014.

REZENDE, Gabriel Sampaio Souza de Lima. *O problema da tradição na trajetória de Jacob do Bandolim: comentários a história oficial do Choro*. Unicamp, 2014.

RIBEIRO, Carlos Antônio. *O continuo racial, mobilidade social e embranquecimento*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2017.

ROSA, Luciana Fernandes. *Relações entre escrita e oralidade na transmissão e práxis do choro no Brasil*. 2020. Tese (Doutorado em Processos de Criação Musical) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.27.2020.tde-09032021-143914. Acesso em: 2023-06-24.

SILVEIRA, Ana Paula Lima. "Relatório do projeto de Pesquisa: 'Avenida junior: a Tradição do Choro em Pelotas'." *Cadernos do LEPAARQ*, vol. 1, no. 2, July-Dec. 2004, pp. 137+. Gale OneFile: Informe Académico, link.gale.com/apps/doc/A379641744/IFME?u=anon~3a8aa26f&sid=googleScholar&xid=7ad273b7. Accessed 29 July 2023.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Até quando Brasil? (re)pensar o ensino superior Perspectivas decoloniais para em música. *Revista de Antropologia e Arte*, Campinas, v. 10, n. 1, p. 153–199, 2020.

TAYLOR, Diana. *The Archive and the Repertoire: Performing Cultural Memory in the Americas*. Durham (EUA) e Londres: Duke University Press, 2003.

VELLOSO, Rafael; D'ÁVILA, Raul; MUSTAFÉ, Gustavo. Acervo Digital do Choro de Pelotas: uma construção coletiva e afetiva. In: *XXXI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – João Pessoa*, 2021.